

Produtores rurais descendentes de italianos na região Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil

JANAÍNE TROMBINI

> Bolsista PROSUP/CAPEs, Centro Universitário Univates, Lajeado, Brasil. janainet@universo.univates.br

LUÍS FERNANDO DA SILVA LAROQUE

> Centro Universitário Univates, Lajeado, Brasil. lflaroque@univates.br

Universidad de Valparaíso
Facultad de Arquitectura
Revista Márgenes
Espacio Arte Sociedad
Produtores rurais descendentes de italianos na região
Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil
Septiembre 2016 Vol. 13 N° 18
Páginas 47 a 54
ISSN elec. 0719-4463
ISSN imp. 0718-4034
Recibido: enero 2016
Aceptado: abril 2016

RESUMO

O Vale do Taquari trata-se de uma região localizada na porção centro leste do Rio Grande do Sul que no processo formativo contou com a presença de indígenas, africanos, açorianos, alemães, italianos e descendentes destes. Atualmente possui 36 municípios e seis microrregiões, compostas de áreas urbanas, mas também de pequenas propriedades rurais. O estudo está vinculado à pesquisa desenvolvida para o mestrado no Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES e objetiva a análise de práticas culturais italianas envolvendo jogos, mutirões, gastronomia e a religiosidade. A pesquisa tem caráter qualitativo com análise de conteúdo. Os procedimentos metodológicos constitui-se de revisão bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e diários de campo com oito produtores rurais descendentes de italianos em que os dados são analisados com base em teóricos da cultura e da etnicidade. Os resultados apontam que os italianos chegados ao Brasil e a partir de 1875 no Rio Grande do Sul ocuparam o território da encosta superior do planalto, precisamente localizados entre os rios Caí e Antas e áreas que posteriormente denominou-se Vale do Taquari. Na microrregião Oeste deste Vale, espaço recortado para este estudo, encontramos os municípios de Progresso, Marques de Souza, Pouso Novo e Travesseiro, onde constata-se que os produtores rurais descendentes da etnia italiana continuam a manter vários elementos do seu patrimônio cultural.

PALAVRAS-CHAVE

propriedades rurais, descendentes de italianos, cultura, patrimônio, vale do Taquari

Italian-descendants rural smallholders in Taquari Valley region, Rio Grande do Sul, Brazil

ABSTRACT

Taquari Valley is a region located in the east-central part of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, which in its formative process accounted to the presence of Indigenous, Africans, Azoreans, Germans, Italians and their descendants. Currently, the region contains 36 municipalities and 6 microregions, composed by urban areas, but also by rural smallholdings. This study is bound to the research developed by the Master Course of the Programa de Pós Graduacao em Ambiente e Desenvolvimento from UNIVATES and aims at analyzing the Italian cultural practices involving games, collective efforts, gastronomy and religiosity. The research has a qualitative feature with content analysis. The methodological procedures constitute bibliographical review, documental research, interviews and field reports with 8 smallholders who are Italian descendants in order to analyze data based in theorists of culture and ethnicity. The results point to the fact that the Italians who arrived in Brazil —and from 1875 onwards in Rio Grande do Sul— settled the territory formed by the high slopes of the plateau, precisely located between the Caí and Antas rivers and areas which later became the region currently known as Taquari Valley. In the western microregion of Taquari Valley, the space delimited for this study, we find the cities of Progresso, Marques de Souza, Pouso Novo and Travesseiro, where we are able to verify that the rural smallholders who come from the Italian ethnic group continue to keep several elements of their cultural heritage.

KEYWORDS

smallholdings, italian descendants, culture, heritage, Taquari Talley

INTRODUÇÃO

Entre os séculos XIX e XX, muitas mudanças estruturais ocorriam no mundo ocidental. O contexto migratório italiano está relacionado às transformações sociais, políticas e econômicas decorrentes ao mundo capitalista que fizeram com que muitos italianos se movimentassem em direção à América em busca de uma vida melhor, chegando ao Brasil nas últimas décadas do século XIX.

Na Europa, dentre os vários fatores responsáveis pela imigração italiana ao Brasil, pode-se apontar, por exemplo, o difícil acesso a terra, pois os nobres proprietários raramente se desfaziam do que possuíam. Aconteciam também conflitos internos como depressão econômica, fatores relacionados a Revolução Industrial, o processo da unificação do estado nacional italiano e os altos impostos cobrados dos camponeses.

Mas para a Itália, o envio de italianos para o Brasil resolveu questões políticas e econômicas. Neste sentido, segundo Giron e Herédia (2007:32), temos:

A emigração, por outro lado, resolveu a crise econômica da Itália. A empresa emigratória gerava lucros para as companhias de navegação e para os bancos. A saída dos italianos foi altamente rentável: a venda de passagens, de alimentação nos postos e, mais tarde, a remessa de auxílio para os parentes que ficaram no país, movimentou a economia italiana e proporcionou melhorias sociais na última década do século XIX.

A colonização italiana para o Brasil foi obra do governo imperial brasileiro em um dos períodos mais críticos em cenário político sobre a abolição da escravatura, atraindo um grande número de imigrantes. A propaganda feita na Itália sobre o Brasil foi de suma importância para atrair milhares de pessoas a cruzassem o oceano em direção à América. Prometia-se aos colonos italianos uma terra de sonhos, riquezas e muita fartura, onde em pouco tempo eles enriqueceriam. Neste sentido, também fora ofertado transporte gratuito até as colônias, hospedagem e assistência, instrumentos de trabalho, sementes, entre outras motivações para os italianos se dirigirem para o Brasil. Isso fez com que um milhão de italianos se estabeleceram no Brasil em 25 anos (Costa, 1986).

A imigração europeia no Brasil, para atender às exigências históricas do capitalismo, indicava aos italianos duas direções diferentes: uma para São Paulo e outra para o Rio Grande do Sul. As províncias do Sul promoveram a colonização com objetivos claros de criar núcleos coloniais voltados para a produção agrícola diversificada, em regime da propriedade privada e mão de obra familiar. Já para São Paulo acreditava-se que a colonização resolveria o problema da substituição da mão de obra escrava que ameaçava o café (Herédia, 2003).

Nesse passo, destaca-se que o presente estudo tem caráter qualitativo com análise de conteúdo e os dados levantados e utilizados inserem-se na pesquisa do mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) do Centro Universitário Univates, município de Lajeado, Rio Grande do Sul.

Os procedimentos metodológicos do trabalho consistem-se no levantamento de dados por meio de revisão bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e diários de campo com oito produtores rurais de descendência italiana na Microrregião Oeste do Vale do

Taquari, composta pelos municípios de Marques de Souza, Progresso, Pouso Novo e Travesseiro, os quais foram analisados com base em teóricos da cultura e etnicidade. Nestas visitas utiliza-se de um roteiro de questões semiestruturadas para entrevistas, as quais são previamente agendadas com os produtores rurais (Marconi; Lakatos, 2003). Tanto a aplicação com a degravação das entrevistas, seguem a metodologia da História Oral, mas também são utilizados diários de campo para o registro das conversas e impressões sobre esses proprietários. Para Thompson (1992) a história oral pode dar grande contribuição para a revitalização da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas.

A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

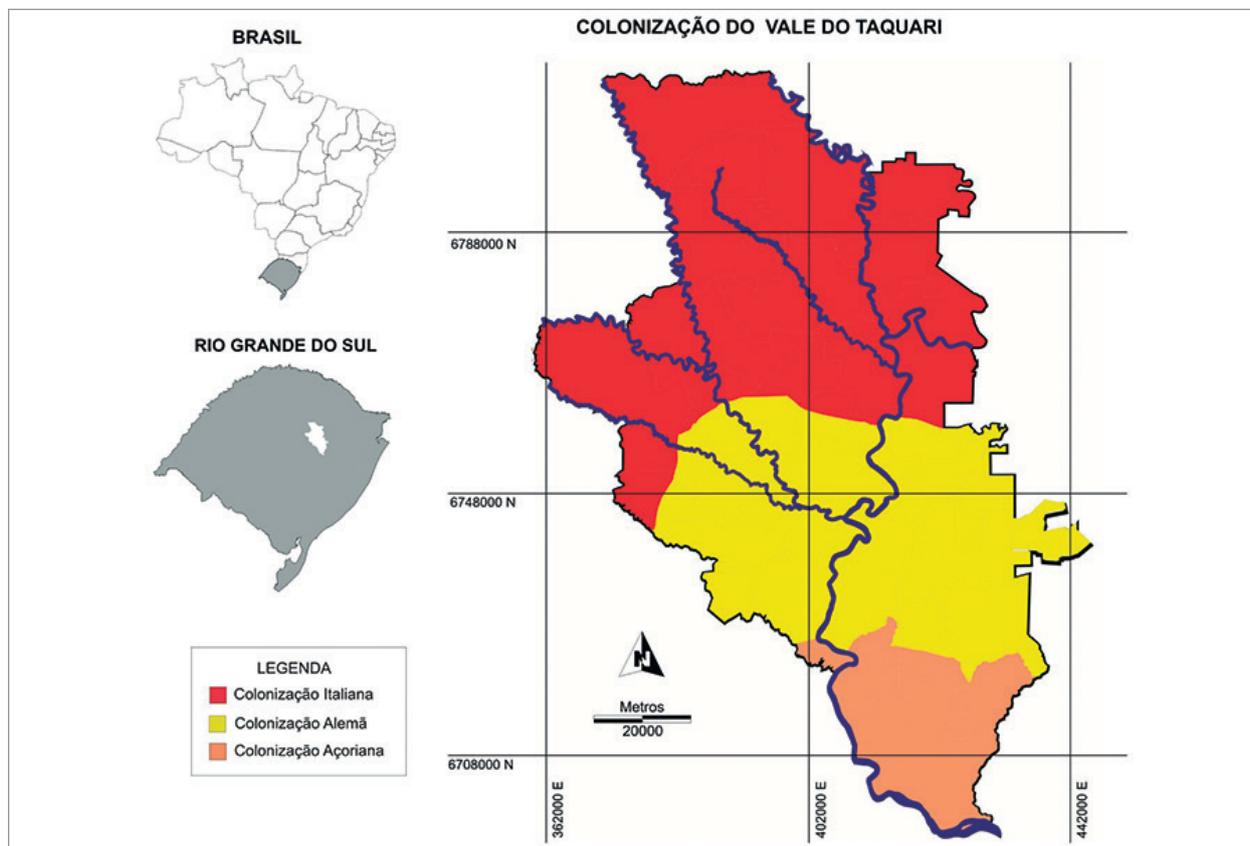
O espaço destinado à colonização italiana no Brasil estava diretamente ligado às mudanças da Lei de Terra de 1850, pois se não fossem ocupadas deveriam voltar ao governo nacional. As terras não legalizadas (devolutas) seriam as áreas destinadas à colonização (Manfroi, 2001). No Rio Grande do Sul os italianos chegaram a partir de meados da década de setenta do século XIX e início do século XX com o intuito de trabalhar na agricultura e a promessa de melhoria das condições de vida.

Segundo Giron e Herédia (2007), os italianos chegaram após 1870, em áreas da porção nordeste do território do Rio Grande do Sul, local de mata virgem, recebendo auxílio governamental para posteriormente ser pago junto com suas terras. Em fevereiro do mesmo ano, o governo imperial concede a província do Rio Grande do Sul dois territórios de quatro léguas entre o rio Caí, os Campos de Vacaria e município de Triunfo para fundação de colônias visando a instalação dos italianos.

As primeiras colônias oficiais fundadas no Rio grande do Sul foram Conde d'Eu (1875), Dona Isabel (1875), Caxias (1875) e Silveira Martins (1877), as quais conforme Manfroi (2001), são considerados os quatro centros principais da colonização italiana. A partir de então, inicia-se um desenvolvimento econômico e sociocultural nas regiões ocupadas e cultivadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes. Neste sentido, temos a partir de 1885, a fundação de colônias também oficiais, tais como Encantado, Alfredo Chaves, Antonio Prado, Jaguari, Guaporé, Ijuí, Guarani e Erechim. Muitas colônias particulares foram organizadas por meio de contratos com o governo imperial ou estadual, ou até mesmo com iniciativa privada.

Relativo a questão Manfroi (2001:61) informa que as *colônias italianas do Rio Grande do Sul foram estabelecidas na Encosta da Serra, ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Montenegro, Estrela e Lajeado*. A serra, palavra que no sul do Brasil designava a orla meridional do planalto, foi o território oferecido aos imigrantes italianos. A densidade da floresta subtropical, os profundos vales, a falta de estradas tornavam essa região hostil e de difícil exploração.

Desde o início da colonização, os italianos mantiveram seu contato com a natureza, produzindo e recriando suas culturas oriundas da Itália, como língua, religião, gastronomia e formas de lazer. É neste cenário que podemos recorrer a Laraia (2004:24), o qual enfatizar ser o homem [...] o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.



A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO VALE DO TAQUARI

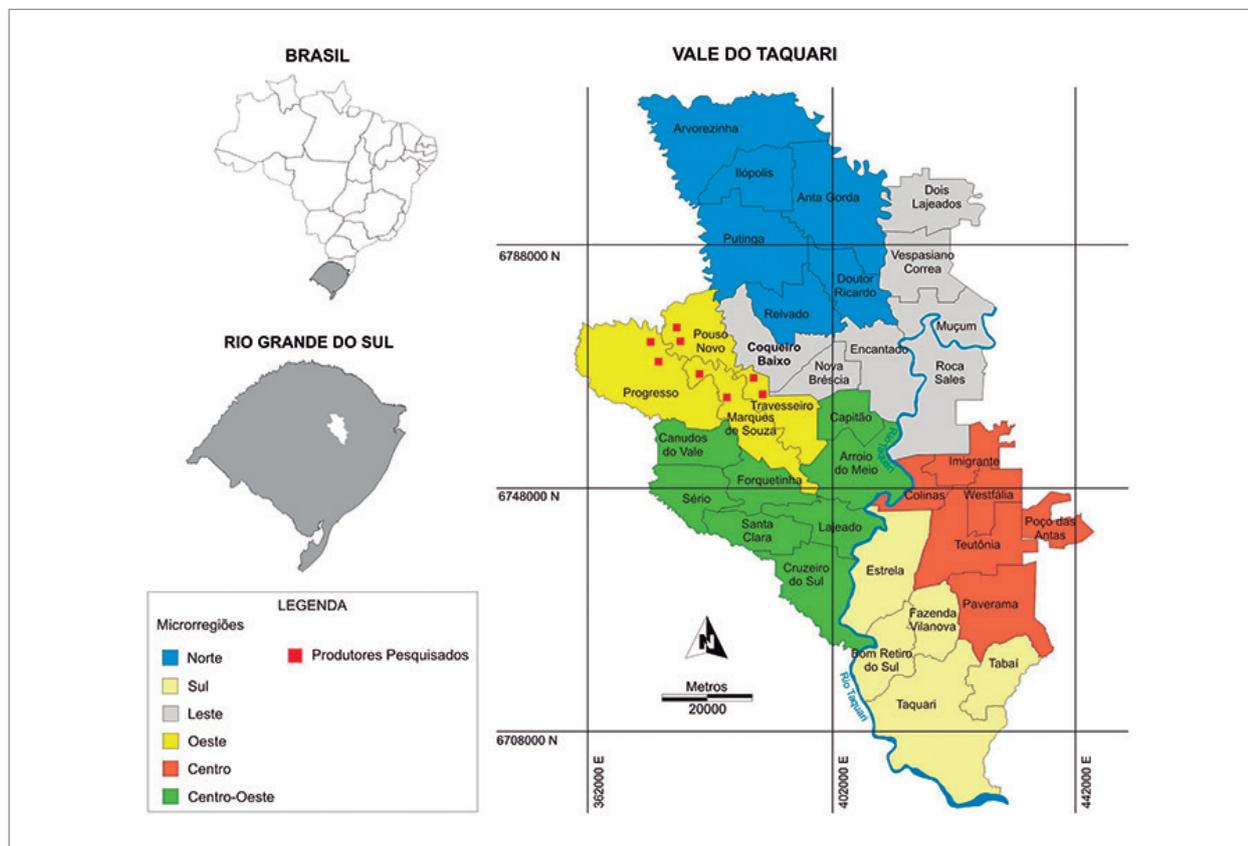
Na segunda metade do século XIX, teve início à colonização italiana no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, completando o processo de formação étnico-cultural da região, cuja formação é bastante diversificada. Esta região que tradicionalmente tratava-se de território indígena, passou a ser colonizada por portugueses que trouxeram os negros, seguiram-se os açorianos, os alemães e posteriormente chegaram os italianos.

Esta pluralidade cultural e étnica do Vale do Taquari, pode ser pensada a partir dos pressupostos de Barth (1998), ao salientar que a etnicidade se define nas relações de fronteira. Ou seja, quando há o contato entre grupos distintos, as fronteiras por meios das diferenças pertinentes a cada um tendem a emergir. Salienta-se ainda que dentro de um grupo étnico, o conteúdo e os traços culturais, podem se modificar, todavia os indicativos de pertencimento continuam os mesmos, podendo ser percebidos através dos sinais diacríticos das fronteiras, situação possível de identificar nos italianos em relação aos demais grupos étnicos do Vale do Taquari.

Conforme referido a região colonial que foi destinada aos italianos estava situada na encosta superior do planalto. Ou seja, mais precisamente entre os vales do rio Caí, do rio das Antas e as colônias alemãs localizadas na área chamada na época de Baixo Taquari (Ferri, 1996).

No Rio Grande do Sul, segundo já abordado, os imigrantes italianos, inicialmente chegaram a serra e estabeleceram-se em colônias como Santa Isabel, Conde D'Eu e Caxias do Sul. No Vale do Taquari, somente a partir do final da década de 1870, que passam a ocupar a porção norte do território, ocupando suas terras através de compra por companhias colonizadoras nas encostas e na "região alta", localizadas na porção mais ao norte, conforme mapa (Figura 1).

> **Figura 1.** Mapa com áreas de colonização no Vale do Taquari. Fonte: Elaborado pelos autores a partir do mapa do Codevastes e Kreutz (2015).



O Vale do Taquari situa-se na região centro-leste do Rio Grande do Sul e é formada por 36 municípios, que totalizam uma área de 4.821,1 Km², dividido em seis microrregiões. Em 2013, a população, segundo estimativa da Fundação de Economia e Estatística (FEE), a Região contava com 334,438 habitantes (3,08% da população gaúcha), constituída em sua grande maioria, por uma população descendente de grupos açorianos, alemães e italianos (FEE, texto digital, 2015).

As seis microrregiões do Vale do Taquari apresentam especificidade econômica e sociocultural, existindo desde propriedades rurais voltadas ao setor primário até áreas urbanizadas e industrializadas, sendo a maioria delas pequenas e voltadas para a produção da agricultura e pecuária. Os descendentes de imigrantes italianos foram colocados em pequenas propriedades, um ao lado do outro, puderam desenvolver-se mantendo um relacionamento de vizinhança e amizade, bem como conservando as características culturais (Gomes, Laroque, 2010).

O recorte espacial delimitado para este trabalho, conforme apontado é a Microrregião Oeste, que abrange os municípios de Travesseiro, Pouso Novo, Progresso e Marques de Souza conforme mapa (Figura 2).

Considerando este contexto é que foram levantados os dados da pesquisa através dos contatos e das visitas realizadas com oito famílias descendentes de italianos nos municípios da Microrregião Oeste do Vale do Taquari que podem ser observadas no mapa (Figura 2), atendo-se a elementos culturais desta etnia como jogos, mutirões, religiosidade e gastronomia.

> **Figura 2.** Mapa das microrregiões do Vale do Taquari e produtores pesquisados. Fonte: Elaboração dos autores a partir do Mapa do Codevates e Kreutz (2015).

ELEMENTOS CULTURAIS DE DESCENDENTES DE ITALIANOS

Considerando os dados levantados e analisados é possível perceber uma continuidade de vários elementos culturais dos antepassados de descendentes de italianos da Microrregião Oeste do Vale do Taquari da amostragem de oito famílias de produtores rurais selecionadas para este estudo. Conforme, Santos (2005:8) *Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam.* Tratando-se da realidade dos descendentes de italianos em questão a continuidade de suas práticas e costumes dos descendentes de italianos em estudo estão ligadas a alimentação, religiosidade, sistemas de ajuda aos vizinhos da comunidade e práticas de lazer.

Os Jogos

Uma forma de preservar o lazer do cotidiano italiano eram os jogos típicos. Segundo Ducatti Neto (1979) o dia da semana caracterizado para o lazer era o domingo, propício para os imigrantes e descendentes de italianos se encontrarem e realizarem as rezas, procedidas dos jogos. Neste sentido, os jogos podem ser considerados como simbologia cultural, pois tomando o pressuposto de Geertz (1978:67) percebe-se que *os símbolos funcionam para sintetizar o ethos de um povo —o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos— e sua visão de mundo.*

Sendo assim, os jogos fazem parte do cotidiano dos imigrantes italianos e seus descendentes para representar a cultura de seu povo. Para Ducatti Neto (1979:29):

Outras diversões para o lazer dos habitantes da localidade eram os jogos. Entre estes, o mais popular era o jogo de bochas sendo também o meu preferido. Depois, havia o jogo de cartas, cujas principais variantes eram: o trêsete, a bríscola, o quatrilha, a escova e o sete e meio.

Pode-se apontar dentre os jogos mais típicos do imigrante italiano o mora, jogo de bochas e jogos de cartas. O jogo de mora acontece quando os participantes gritam números e batem na mesa somando pontos em seus dedos e os do adversário. Sobre este jogo típico, Costa (1986:66) descreve:

A mora era um dos esportes preferidos, que marcava os “filós” e encontros. Todos sabiam jogá-la com maestria. Aos domingos, à tarde, após a reza do terço, nas capelas, reuniam-se em torno a uma mesa e o anoitecer colhia-os gritando: 2,2,2,2,3,3,3,3,6,6,6,6... batendo na mesa. Fazia ponto quem somasse o número certo proposto, somando seus dedos e os do adversário.

Considerando o relato de um produtor rural do município de Marques de Souza, na Microrregião Oeste do Vale do Taquari, é possível perceber que este jogo esteve presente nas famílias italianas e seus descendentes. Neste sentido o Entrevistado E7 (2013:5), relata o seguinte:

M. – *E é bonito porque eles cantam, né, os números assim, e é tão rápido...*

J. – *Tem que ser ligeiro, né, porque na hora que ele bota os dedos ali, o adversário ali, tem que contar...*

G. – *Tá, mas como que conta?*

D. – *Tu sabe... tu sabe a moral do jogo? Porque eu até hoje não sei, não sei a moral...*

G. – *Tá, mas tipo, uma pessoa fala um número e o outro tem que falar?*

D. – *É, tudo bem, só que esse número tem que ter um significado. Então...*

N. – *Tem que acertar - pelo que o meu avô me explicou uma vez - tem que acertar a soma que vai dar na mesa. Um joga... tu joga três e o outro vai jogar dois, tu tem que acertar cinco no grito.*

O Jogo de bochas é outro esporte de competições, sendo jogado por seis bolas de concreto (bochas) e uma bola pequena (bolim). As bochas têm 10,7 centímetros de diâmetro e pesam entre 900 a 950 gramas. O bolim tem de 3,5 a 4 centímetros de diâmetro. As bolas são maciças, de madeira ou concreto e sem furos, diferentes apenas nas cores que distinguem as equipes. As bochas são lançadas com a mão e pode ser jogado por duas pessoas ou mais. O jogo é dividido em duas equipes, cada qual com as bochas de coloração diferente, sendo praticado em canchas de grama ou em areia (Addeu, 2009, texto digital).

Os jogos de cartas também é um jogo de competição e está presente no dia a dia dos imigrantes italianos. Pode ser jogado nas casas durante o dia ou a noite, praticamente em dias de chuva, sendo os mais comuns entre os italianos a bisca, tressete, quatrilha, cinquilha, escova e canastra (Boni; Costa, 1984).

Atualmente, verifica-se nos municípios da Microrregião Oeste do Vale do Taquari que o jogo de mora é conhecido entre a população, mas não é mais praticado entre seus descendentes. Tratando-se dos demais jogos, como bocha e cartas, são frequentemente praticados tanto o jogo de cartas como o jogo de bocha (diário de campo, 13.06.15). Em alguns casos, como o cinquilha é jogado uma vez por mês, quando os amigos se reúnem em uma casa durante a noite para jantar e praticá-lo. Este jogo é mais praticado por lazer e integração, muito pouco envolvendo dinheiro (diário de campo, 15.06.15)

Com isso percebe-se que os jogos tradicionais estão presentes como forma de continuidade e preservação da identidade italiana. Pode-se observar que os jogos de cartas mais praticados nos quatro municípios foram a bisca, o cinquilha, a canastra e o pife (diário de campo de 26.05.15). Nas festas típicas dos descendentes de italianos pesquisados, os jogos tradicionais mais praticados são a bocha e a canastra.

Mutirões

Os laços de amizade para os italianos e seus descendentes é muito importante. As boas amizades com os vizinhos é uma forma de manter laços de parentesco e solidariedade, pois participam em festas familiares e são convidados para serem padrinhos de filhos e casamento. Os imigrantes italianos e seus descendentes são muito solidários, ajudam-se em construções e trabalhos na agricultura. Segundo Costa (1986:55):

São considerados vizinhos as famílias cujas terras fazem limites. Entre tais famílias reinava eficaz laço de amizade que, as vezes, periclitava devido a desentendimentos, causados pela fuga de animais que prejudicavam as plantações. Com raras exceções, as famílias vizinhas cultivavam estreita amizade e total solidariedade. Seria injúria

se, em qualquer festinha do lar em que se convidassem estranhos, não se convidassem vizinhos. Os vizinhos estão em primeiro lugar, mesmo antes dos parentes.

Nas comunidades da Microrregião Oeste do Vale do Taquari, onde os descendentes de italianos estão localizados, é muito forte a ajuda nos afazeres do cotidiano. Isto é possível perceber através dos relatos dos produtores registrados nos diários de campo e também na entrevista E7, (2013:11):

E. –E falando dessa questão, é, as família se ajudavam, umas às outras, no cultivo, assim?

M. –Sim.

J. –Muito, na época muito. A ajuda, tipo, eu me lembro quando eu era piá assim, né, quando começou a entrar a plantação do soja aqui na nossa região, né, aí se começou a plantar, e daí nós não tinha trilhadeira, né, pra... pra debulhar o soja. Então tinha um tio aqui, vizinho, né, que ele tinha. [...] Sim, porque era uma colheita, sim, tu não podia. Se o tempo não fosse ajudar e assim, né, passava do ponto de colher e aí tu agilizava a coisa.

M. –É, e eles tratavam dos “mutirão”. Então se reuniam uns quantos, né, e quando era pra... porque na época lavrava a terra e depois plantava, aí às vezes tinha sete, oito, dez, né, e com junta de boi uns lavravam, uns já abriam verga pra plantar e já tinha aqueles que com a máquina iam plantando. E pra colher era assim também.

Conforme é possível observar nesta narrativa do produtor rural do município de Marques de Souza, os trabalhos na roça exigiam sempre um grande número de pessoas, pois todo o serviço, desde a limpeza da área a ser cultivada, até a colheita, era manual. Ainda hoje, conforme informação de um produtor do município de Progresso, faz-se muito frequente a ajuda entre os vizinhos e também, como nos antepassados, as trocas de produtos na época da realização das colheitas, como o milho, e no abate de animais, como porcos, por exemplo (diário de campo, 30.04.15).

A mecanização do campo ainda não era uma realidade e as ferramentas das quais os produtores rurais dispunham eram pouco eficientes. Por isso toda a família e, em alguns casos, toda a vizinhança se reunia para auxiliar nas tarefas. Também foi possível constatar nas visitas de campo a produtor do município de Pouso Novo que se algum membro familiar ou de famílias vizinhas estão com problemas de saúde ou enfermas a comunidade dos descendentes de italianos se reúne em “mutirão” e procuram ajudá-los (diário de campo, 15.06.15).

Religiosidade

A religiosidade dos descendentes de italianos também trata-se de uma prática responsável pela continuidade de costumes, tradições e dialetos. Os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul são de origem católica e tinham a necessidade de manter vivos os ensinamentos e as práticas religiosas. Segundo Geertz (1978:7), a religião possui toda uma simbologia e contém elementos da identidade cultural de um grupo, conforme segue:

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto

essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

É nesse viés que a religião católica representa laços da cultura italiana. A capela e a igreja foram os locais de razões religiosas, dos imigrantes italianos se inserirem na sociedade e promover a fé. Toda comunidade italiana possui uma capela, onde realizam-se as celebrações, rezam o terço, participam de festas, cantam cantigas e reúnem-se para assuntos da sociedade. A comunidade e os moradores instalaram-se em torno da igreja, símbolo de valorização italiana e continua sendo, em alguns lugares, o exemplo típico da comunidade de base, um fator de integração e solidariedade (Manfroi, 2001).

A religião dos imigrantes e seus descendentes era ritualista, sendo o conteúdo principal na prática da fé a realização e participação das liturgias e dos ritos. Segundo Giron e Herédia (2007), a religiosidade é um dos elementos que caracteriza a identidade cultural. A religião, contando com a presença dos italianos e seus descendentes, nos rituais passa a ter função de sociabilidade.

Uma outra área colonizada pelos imigrantes italianos a partir de 1878, e que também ilustra esta situação é a Colônia Silveira Martins, pelo fato de construíram uma pequena comunidade que passou a se chamar Vale Vêneto. Neste local fora erguida uma casa de negócio e um moinho. Ao mesmo tempo, foi edificada pelos chefes de família uma pequena capela, sendo nomeado como padroeiro São Francisco de Assis e uma imagem do referido santo que havia sido trazida pelos italianos e colocada na igreja edificada. A devoção a São Francisco de Assis e os objetos que o representavam surgem, então, como elementos simbólicos de identificação entre os indivíduos que tinham partido conjuntamente da *comuna* de Piavon e outras *comunas* vizinhas (Vendrame; Zanini, 2014).

Assim como nesta colônia, na Microrregião Oeste do Vale do Taquari uma forma de preservar a cultura e religião católica entre os descendentes de imigrantes italianos é possuir uma capela e um santo padroeiro. Essa forma de identificação cultural é destacada em Manfroi (2001:126), pois *A igreja era considerada como o elemento essencial do progresso do lugar, era a base de toda organização social.*

Os produtores rurais descendentes de italianos entrevistados na Microrregião Oeste, salientam a importância das festas anuais, em comemoração aos santos padroeiros de suas comunidades. Dentre estes, um produtor rural do município de Pouso Novo, indica padroeiros como Santo Antônio, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora de Lurdes, São Judas Tadeu, São José, entre outros (diário de campo, 23.03.15).

As procissões em festas com estátuas, arcos coloridos, foguetes, cavaleiros, bandas de música, mais tarde carros e caminhões, cria-se uma atmosfera de euforia e convicção de fé que se fortalece. Em todas as festas citadas pelos descendentes de italianos como, por exemplo, é o caso de um produtor do município de Pouso Novo, acontece durante todo o dia. Na parte da manhã tem-se uma celebração católica com realização do padre, logo após o almoço com churrasco, saladas e pães e na parte da tarde dança com integração das pessoas participantes (diário de campo, 15.06.15).

Com base nos depoimentos e visitas dos diários de campo feito aos produtores descendentes de italianos na microrregião oeste

do Vale do Taquari, percebe-se que todos são católicos são sócios da comunidade onde moram. Participam das festas religiosas e muitas vezes fazem parte da diretoria da comunidade ou são da equipe religiosa que fazem os ritos da igreja (diário de campo, 23.03.15). Na maioria das visitas realizadas aos produtores descendentes de italianos na microrregião oeste foi possível observar em suas casas várias imagens de santos católicos padroeiros ou também a presença da capelinha.

Gastronomia

Segundo Matta (1987), a comida não se resume somente ao ato de cozinhar o alimento, é também a manifestação de uma identidade e de uma cultura através do modo de preparação desse alimento. Nas visitas realizadas a produtores rurais descendente de italianos na Microrregião Oeste do Vale do Taquari, situações como estas também podemos identificar, tanto no que se refere às formas de produção e alimentação dos antepassados, quanto como isso continua ocorrendo atualmente.

A alimentação para os italianos e seus descendentes é de suma importância, eles gostam de comer bem. Seus alimentos prediletos são: pão, massas e polenta. O costume da alimentação italiana é de realizar três refeições por dia acompanhadas de suas orações. Segundo Costa (1986:40):

O italiano levantava cedo, encaminhava os serviços caseiros, tratava os animais ou encaminhava-se logo para a roça. Pelas 8hs, fazia a primeira refeição, que lhe era servida na roça. Para a refeição do meio-dia, guiava-se pelo sol ou pelo toque do sino de uma capela vizinha. Após o almoço, costumava fazer pequena sesta. A terceira refeição é à noite. Após a janta, havia a limpeza da louça e seguia-se a reza do terço.

O trigo foi inicialmente o principal produto dos imigrantes italianos. Nas plantações, muitas pragas, como o gafanhoto, tomavam conta das lavouras e como não tinham a quem socorrer, buscou-se alento na fé e a santos protetores. Outro cultivo importante é a videira, uma das grandes produções dos italianos instalada no Rio Grande do Sul, sendo mais tarde voltada para a economia. Os italianos e seus descendentes tem uma ampla experiência com a terra e seu preparo, pois de onde são oriundos as características climáticas são semelhantes de onde vivem hoje, facilitando sua produção (Bublitz, 2004).

Entre os alimentos e comidas mais produzidos e consumidos antigamente, com base nas informações obtidas com um produtor rural descendente de italiano do município de Travesseiro, podemos destacar: milho, polenta, batata, feijão, arroz, trigo, pão, pipoca, aipim, ovos, carne de galinha e suíno, derivados de suínos (banha, salame, copa, morcela, scudiguim), ovos, queijo, leite, verduras e legumes (raddicci, repolho, cebola), além de diversas frutas (diário de campo, 26.06.15).

Dentre os elementos da gastronomia italiana está a polenta, derivada do milho, que conforme Favaro (2006), foi utilizada para suprir a fome da massa camponesa, durante a época de crise na Europa. Em um depoimento de produtor descendente de italianos do município de Progresso, Microrregião Oeste do Vale do Taquari, a polenta é típica em suas alimentações tanta no café como no almoço (diário de campo 13.06.15).

É possível perceber que muitas das práticas dos antigos imigrantes, em relação de gastronomia, atualizaram-se e continuam vivas em

pleno uso como, por exemplo, é o caso de produtores rurais dos municípios de Progresso e Pouso Novo. A maioria dos descendentes de italianos da Microrregião Oeste do Vale do Taquari tem pequenas propriedades e nestes espaços cultivam os produtos oriundos de sua cultura, como milho, feijão, pipoca, batata, aipim, etc (diário de campo 13.06.15). Muitos dos animais e seus derivados ainda são cultivados como porcos, galinhas e uma horta para a produção de horticultura (diário de campo, 15.06.15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados parciais da pesquisa que estamos desenvolvendo percebe-se que vários dos elementos culturais dos descendentes de imigrantes italianos na Microrregião Oeste do Vale do Taquari continuam sendo mantidos até a atualidade. Sendo assim, a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo (Laraia, 2004).

Em solo brasileiro os italianos trouxeram consigo instrumentos de trabalho, sementes, padrões culturais, crenças e costumes próprios, muitos dos quais se mantiveram no Vale do Taquari até a atualidade. Contata-se que os elementos culturais dos descendentes de italianos estudados e analisados fazem parte de seu cotidiano sendo na alimentação, nos jogos, nas práticas religiosas ou no trabalho. Muitas dessas práticas podem ser vistas como elementos da identidade e pertencimento étnico do grupo, pois estão ligadas as condições de trabalho no campo, possuindo características voltadas para a vida rural, com elementos norteados a terra, trabalho e família.

Também é perceptível ver a continuidade dos mutirões e os sistemas de ajuda entre os moradores das localidades nos quatro municípios da Microrregião Oeste do Vale do Taquari. Em nosso ponto de vista, esta prática deve-se principalmente pelos ensinamentos dos antepassados transmitido de geração à geração, em que a ajuda quando há uma enfermidade na família ou falta de mão-de-obra era algo frequente entre estes imigrantes.

Também se vê que a religiosidade continua muito forte nas comunidades que vivem e faz-se frequente a participação em festas religiosas e cerimônias. A religiosidade dos italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari podem ser vista como símbolo da fé e identidade de seu grupo, pois continuam participando em comunidade, possuem capela e um santo padroeiro, onde se reúnem para celebrar a fé e resolver assuntos da comunidade.

Nas suas práticas de lazer os jogos tradicionais ocorrem semanalmente, tais como o jogo de bochas e jogos de cartas. Constatou-se que os referidos jogos são responsáveis pela continuidade de integração entre os descendentes de italianos pesquisados, bem como serve de ensinamentos, tanto as crianças quanto aos jovens. Através da alimentação e sua preparação foi possível observar elementos simbólicos entre as famílias de descendentes italianos na Microrregião Oeste do Vale do Taquari, que são mantidos nas práticas das refeições e dos seus principais pratos tais como, a polenta, pães, massas, feijão, aipim, carnes, verduras e bebidas, como o chimarrão e o vinho.

Contata-se, por fim, que os produtores rurais pesquisados descendentes de italianos e ocupantes dos municípios, Progresso, Marques de Souza, Pouso Novo e Travesseiro da Microrregião Oeste do Vale do Taquari, continuam a manter em suas sociabilidades vários elementos da cultura de seus antepassados.

REFERÊNCIAS

- ACERVO Fotográfico e de mapas, *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari*, Lajeado: Univates.
- ADDEU, E. O Jogo de Bocha e os Imigrantes Italianos, disponível em: <http://brandedorfamilia.blogspot.com.br/2013/05/o-jogo-de-bocha-e-os-imigrantes.html>, acesso em 26.08.2015.
- BARTH, F. (1998) Grupos étnicos e suas fronteiras, Em: Poutignat, P.e Streiff-Fenart, J., Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, traduzido por Elcio Fernandes, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, pp. 187-227.
- BONI, L. de, COSTA, R. (1984) Os italianos do Rio Grande do Sul, 2 ed. Caxias do Sul: Correio Riograndense.
- BUBLITZ, J. (2004) "A Eco-História da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul", Revista Métris, EDUCS, v. 3, N° 6, Caxias do Sul, pp.179-200.
- COSTA, R. (1986) Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, Porto Alegre: EST, EDUCS.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano, Forqueta, Pouso Novo (23.03.2015), Lajeado: Univates.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano. Interior de Progresso (30.04.2015), Lajeado: Univates.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano, Alto Tamanduá – Marquez de Souza (19.05.2015), Lajeado: Univates.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano, Três Salto Médio - Travesseiro (26.05.2015), Lajeado: Univates.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano, Bela Vista do Fão – Marquez de Souza (2.06.2015), Lajeado: Univates.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano, Linha Santo Antônio – Progresso (13.06. 2015), Lajeado: Univates.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano, Forqueta – Pouso Novo (15.06.2015), Lajeado: Univates.
- DIÁRIO DE CAMPO (2015) Visita a descendente imigrante de italiano, Três Saltos Alto – Travesseiro (26.06.2015), Lajeado: Univates.
- DUCATTI NETO, A. (1979) A vida nas colônias italianas, Porto Alegre: Grafosul.
- E7 - Entrevistado 7 (2013) Depoimento 27.09.2013, entrevistador Nicolas D. M. da Silva e Evanilson de Moraes, Vale do Taquari, R. S., gravação em máquina digital, Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural na Região Vale do Taquari, Lajeado: Univates.
- FÁVARO, C. E. (2006) Os "italianos": entre a realidade e o discurso, Em: Boeira, N.; Golin, T. (coord.), História Geral do Rio Grande do Sul, Vol. 2 – Império, Passo Fundo: Méritos, pp. 301-319.
- FEE - Fundação de Economia e Estatística, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/perfilsocioeconomico/coredes/detalhe/corede=Vale+do+Taquari>, acesso em 1.07.2015.
- FERRI, G. (1996) História do Rio Taquari-Antas, Encantado, R. S.: Grafen.
- GEERTZ, C. (1978) A interpretação das culturas, Rio de Janeiro: Zahar.
- GIRON, L. S. e HERÉDIA, V. (2007) História da imigração italiana no Rio Grande do Sul, Porto Alegre: EST Edições.
- GOMES, V. F. e LAROQUE, L. F. da S. (2010) História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume dos filós em localidades do Vale do Taquari R. S., Revista Destaques Acadêmicos, a. 2. n. 2, Lajeado, p. 99-43.
- HERÉDIA, V. B. M. e PAVIANI, N. M. S. (2003) Língua, cultura e valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no Sul do Brasil, Porto Alegre: EST.
- LARAIA, R. de B. (2004) Cultura: um conceito antropológico, 17 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MANFROI, O. (2001) A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais, 2 ed., Porto Alegre: EST.
- MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. (2003) Fundamentos de metodologia científica, 5. ed., São Paulo: Atlas.
- MATTA, R. (1987) Sobre o simbolismo da comida no Brasil, O Correo da Unesco, v. 15, n. 7, Rio de Janeiro, pp. 22-23.
- SANTOS, R. J. dos (2005) Antropologia para quem não vai ser antropólogo, Porto Alegre: Tomo Editorial.
- THOMPSON, P. (1992) A voz do passado, São Paulo: Paz e Terra.
- VENDRAME, M. I. e CHITOLINA ZANINI, M. C. (2014) Imigrantes italianos no Brasil meridional: práticas sociais e culturais na conformação das comunidades coloniais, Estudos Ibero-Americanos (PUCRS, Impresso), v. 40, pp. 128-149.

§